

Exma. Srna.   
 reira

2/120



# O Gaiato

25 DE MARÇO DE 1967  
ANO XXIV — N.º 601 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA \* FUNDADOR: Padre Américo \* VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINTEINÁRIO  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS \* COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



MUITA GENTE ESPANTOU-SE COM A «AUSENCIA» DOS «BATATINHAS»! MAS ACTUARAM. E QUE BEM! AI ESTÃO PARTE DELES, ENQUADRADOS NA OPERETA.

# FESTAS

Que há-de a gente dizer, quando o coração transborda?... — Sou feliz! Sou tão feliz!... Este é um refrão várias vezes repetido na opereta que o João concebeu e realizou. «Sou feliz» — cantam eles. E cantam-no quando já nada estorva à comunicação da amizade verdadeira e a alegria irrompe da alma; exprimindo-se nessa afirmação simples mas total: Sou feliz. Pois também eu cantaria agora como eles, se soubesse e pudesse ser escutado. Cantaria — e canto, mesmo sem voz nem melodia — o dom de amor que está na base de toda a construção do nosso espectáculo e o esforço de conjunto que se sente ao longo dele. João pensou e escreveu e encenou e dirigiu e interpretou; e com ele os Rapazes deram o seu melhor; e maestro Miguel de Oliveira sacrificou horas densas e muitos quilómetros de viagens para compor o libreto e reger orquestra e cantores; de igual sorte os músicos, por causa dos ensaios e durante a vasta digressão; e até Padre Baptista, que se derreou pintando os dois grandes e lindos cenários que emolduraram a peça.

Portanto, foi, como nunca, um trabalho integralmente dos Rapazes e daqueles que chamaram a colaborar consigo, a quem encontraram,

As passagens do Senhor são todas de salvação. Mas esta é a Passagem. A Igreja, Mãe, ciente como ninguém do grande facto, não quer que Ele passe sem nós. Por isso, de há semanas nos prepara, nos purifica, para que estejamos a tempo e estejamos dignos à Passagem de Jesus — e passemos com Ele, e passemos por Ele («feito ponte» para nós), e passemos n'Ele (cibório das hóstias vivas que nos compete ser) o abismo entre o Tempo e a Eternidade, fronteira do mundo da contradição e da Pátria da felicidade plena.

Quinta-feira maior — A preparação intensifica-se. «Aquele que na véspera de padecer pela nossa salvação e pela de todos, isto é, hoje, tomou o pão nas Suas santas e veneráveis mãos, tendo levantado os olhos ao Céu, a Deus Seu Pai onni-

## Páscoa

tente e dando-lhe graças, abençoou-o, partiu-o, deu-a aos Seus discípulos, dizendo: Tomai e comei dele vós todos.

«No decorrer da ceia, sabendo Jesus que tinha chegado a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, levantou-Se da mesa, depõe as vestes e tomando uma toalha prendeu-a à cintura. A seguir, deitou água numa bacia e começa a lavar os pés aos Seus discípulos e a enxugá-los com a toalha com que Se tinha cingido».

Nós repetimos o gesto ritual, não sem que alguma emoção se apodere daqueles que o presenciaram.

É fácil lavar doze pés previamente lavados de doze homens previamente avisados, uma vez em cada ano. Porém o significado íntimo do gesto de Jesus não cabe nas dimensões do acto material por que se exprime. Por isso mesmo, logo o Senhor previne Pedro, e todos os de coração generoso e impulsivo, mas humano e fraco, que hão-de ser Seus discípulos pelo tempo em fora: «O que Eu estou a dizer, não o compreendes por agora; hás-de sabê-lo mais tarde».

O que o Senhor quis dizer com o Seu exemplo — «para que, assim como Eu vos

Continua na SEGUNDA pág.

## MALANJE

Vou falar-te hoje naquele menino da Gabela que nos manda todos os meses o tilintar total do seu mealheiro. Da primeira vez, foram algumas moedas de dez escudos que, uma a uma, meteu com carinho, e, num arranque de amor tirou todas pra nos dar. Com elas vou comprar os primeiros tijolos da nossa vacaria. Os primeiros púcaros de leite vão nascer delas.

E também da Gabela, naquele outro menino que só tem mãe. Está empregada numa fazenda de café e, por doença, vai para Lisboa tratar-se. Disse que sim às vicentinas. E o menino virá um dia destes.

Mais da Gabela, no carinho do Pá-roco e dos paroquianos por nós.

E, não resisto à tentação... naquelas montanhas de pedra maciça, tão eloquentes na presidência de paisagens tão belas!, que a mão do homem ajudou a criar — plantando e tratando as roças de café. Café, riqueza! Café, conforto! Que não haja negas quando se trata do amor e da justiça.

x x x

Quer a riqueza individual mane nas fazendas de café; quer seja a sociedade a tirá-la dos tabacos, minas ou vagões de fuba — é tão real o que diz o SENHOR: «É tão difícil um rico...» A não ser que, enquanto é tempo, ponham a escrita em dia e apresentem contas.

- Apresentar contas é:
- Tratar dos operários como homens
- Pagar um salário justo
- Estar presente no campo educacional, sanitário, religioso e habitacional.

PADRE TELMO

Continua na SEGUNDA pág.



Quadros da nossa vida. De vez em quando há sarilhos em Casa. É a coisa mais normal desta vida. O contrário seria estranho. Que o digam os pais e mães de família. E como a Casa do Gaiato não é outra coisa senão uma Família, está sujeita à normalidade dos sarilhos duma Casa de Família.

Há sarilhos na cozinha quando a sopa e o conduto não levam sal porque os nossos cozinheiros, de palmo e meio, se esquecem de o pôr, por causa da brincadeira. Mas nem por isso se deixa de comer, nem é motivo para mudar de sistema. Refila um, refilam outros e durante algum tempo as coisas caminham direitas.

Há sarilhos na copa, quando a loiça é lavada, enquanto o «diabo esfrega um olho», porque há um desafio de futebol que não se pode perder ou um romance para ouvir através da Telefonia; ou quando um dos

«fachinas» se sente indisposto momentaneamente para escapar à obrigação. E como o suplente também é «esperto» e não vai na «cantiga» levanta discussão. Sarilhos..., há-os nas limpezas, nos dormitórios, nas oficinas, nos tractoristas, etc. etc. Há sarilhos em toda a parte, e também não faltam no aviário.

Ora, esta última secção, depois de muitas complicações, parece que encontrou rumo certo. Vamos ver!

O tratador das galinhas e dos patos e dos perús é o Luís de 8 anos, mais outros do mesmo «naípe». Um dia destes, logo de manhã, o Luís espera-me à saída da Capela e diz: preciso de farelo para galinhas. E falou-me muito a sério. Outro dia, estava a carinha pronta a seguir para a praia e o Luís não aparecia. Fui encontrá-lo a tratar das galinhas. — Então não vais à praia? — Primeiro vou dar de

comer às galinhas. Primeiro o cumprimento do dever. Depois... o resto.

E, num instante, esqueci todos os sarilhos da Casa.

x x x

Venda de «O Gaiato».

Continua a fazer-se com regularidade. Vão aparecendo caras novas diante dos amigos leitores. Mas sempre caras Gaiatas. Não posso deixar de me sentir feliz quando me falam do aprumo dos nossos vendedores e do interesse com que lêem o jornal. Muitos conhecem a Casa do Gaiato apenas pela sua leitura.

Muitos fazem sua meditação por ele. Muitos deram novo rumo à sua vida influenciados por ele. Não diz nada de extraordinário. Mas procura dar testemunho da Verdade. Aqui a razão de ser da sua aceitação.

E os resultados materiais? Admiráveis! Gostava imenso que assistísseis ao prestar das contas depois de cada venda. Com as «migalhinhas» trazidas pelas mãos dos vendedores vamos resolvendo alguns dos nossos problemas. Semanalmente contamos com elas para as transformar em pão dos trabalhadores da Obra. São cerca de 100 contos anuais que, sem dar por isso, são depositados nas mãos dos pequenos.

Há dias, alguém a quem disse esta verdade, olhou para mim com cara de espanto e falou: — mas é assim?

E se em vez dos 2\$50, dos 5\$00 ou mais que se entregam ao pequeno vendedor quinzenalmente, cada leitor desse o dobro? Em vez de 100 contos seriam 200 ou 300 e a Aldeia dos Rapazes seria brevemente uma realidade.

E um grande problema seria resolvido quase como quem brinca. Autêntico «ovo de Colombo».

Aqui deixo a sugestão. Não é minha, mas de um de vós, queridos leitores. Aos assinantes de longe lembro que não têm que se preocupar com o problema de transferências, se quiserem regularizar suas contas com «O Gaiato». Um vale de correio; cheque, carta registada ou qualquer outro meio mais acessível, dirigido à Casa do Gaiato, C. P. 820 — Benguela, tudo resolve.

Padre Manuel António

Continuação da PRIMEIRA pág.

«fiz, vós fazeis também» — foi o que disse mais no fim da Ceia e a Liturgia repete como Verdade fundamental a reter, para a salvação: «Eu vos dou um mandamento novo: que vos ameis uns outros, assim como Eu vos amei».

É a nossa adesão ao amor d'Ele por nós, ao amar como Ele nos amou («até ao fim») que nos faz passageiros com Ele, pôr Ele em Ele «deste mundo para o Pai». É o Seu amor por nós, exemplificado em Jesus e consumado na

# Lar Operário em Lamego

Não sei se estas notícias vão sair muito perto da Festa dos Gaiatos, em Lamego. Na dúvida, poderia aproveitar a oportunidade para convidar os Lamecenses a aparecerem no Teatro Ribeiro Conceição, no dia 13 de Março.

Parece-me, todavia, desnecessário este convite a avaliar pelo alvoroço causado quando no jornal se leu que os Gaiatos do P. e Américo voltavam a Lamego. Umas horas depois começaram a bater à porta ou a telefonar para comprar bilhetes, ou fazer marcação de lugares. Estamos a contar que a lotação da casa seja pequena e do entusiasmo da Festa diremos alguma coisa a seu tempo.

Se é verdade que são muitas as necessidades do Lar, e que o resultado material nos traz certo alívio, o maior e melhor resultado está ainda para além das ofertas que nos venham a chegar às mãos. O carinho dispensado é prova evidente do elevado número de amigos que têm no coração esta obra. O modo como fomos recebidos nas Finanças, na Câmara, no Comando da Polícia, na Direcção dos Bombeiros, pela Gerência do Teatro Ribeiro Conceição, dá-nos alento para continuar mesmo diante das vicissitudes que surgem. Aquele grupo de pessoas que se ofereceu para vender os bilhetes, pôs fora de dúvida que a sociedade seja toda egoísta. É nisto que nós encontramos o

principal motivo para a realização da Festa. Acrescentamos ainda a oportunidade que se nos oferece para agradecer pessoalmente à cidade o amor que nos tem dado. Agradecer os donativos vindos por ocasião do Natal e no decorrer do ano. Agradecer a compra do jornal e dizer que é preciso intensificar um pouco mais. Agradecer às oficinas onde trabalham os nossos rapazes e louvar a paciência dos mestres que os ensinam.

Finalmente aproveitamos este encontro festivo da grande família da Obra da Rua para solicitar a todos que compreendam e desculpem as atitudes menos corretas dos nossos rapazes. Não é de um dia para outro que os homens se modificam para melhor ou para pior. Os rapazes chegam ao Lar vindos de todos os lados e a principal, para não dizer única, bagagem que trazem são os feitos e temperamentos próprios de quem foi criado à vontade. Leva tempo, muito tempo, para se conseguir certo equilíbrio de maneiras. É neste intervalo que algumas vezes sofremos com as notícias que nos trazem sobre a postura deles. Destas atitudes que reprovamos, mas que voluntariamente fazemos nossas, queremos também naquela hora pedir desculpa aos que esperam de nós mais e melhor.

Padre Duarte

# Festas

Continuação da página UM

como sempre, disponíveis para o que fosse preciso.

Isto, em dois traços, o valor colectivo posto a render a quem palco.

E se agora acrescentarmos a outra face do espectáculo, definida pelos milhares de pessoas que, ano após ano, vão aumentando em número e em gosto, esgotando as salas onde nos apresentamos — as quais, com o seu fervor amigo, não são menos colaboradores no êxito final do que os que actuam no palco?... — que outra música pode cantar no meu coração, senão esta mesma? Sou feliz! Sou tão feliz!...

Neste primeiro período de Festas, antes da Páscoa, o Porto recebeu-nos pela 20.ª vez com a galhardia dos 19 anos anteriores. Coimbra e Aveiro esgotaram as lotações vários dias antes, tal como é já velha tradição «tripeira»; e em qualquer das salas, uma agulha caída do teto não cairia, facilmente, no chão.

Leiria correspondeu bem e os Rapazes vieram de lá muito contentes com o público. Avisaram-me de que as mãos dos leirienses costumavam ser muito exigentes no bater de palmas. Pois nós dizemos que, desde a primeira hora, sentimos uma plateia compreensiva e entusiasmada. E cremos que em anos futuros não mais se verificarão as pequenas clareiras deste ano, faça chuva ou bom tempo, porque os assistentes deste ano passarão palavra e dirão, como puderem, o sortilégio da nossa Festa.

É domingo. Amanhã será Lamego. Há vários dias, também, que a sala está esgotada. E de Penafiel, Júlio manda dizer que tudo vai correndo muito bem.

Esperamos que Guimarães não falhe apesar dos vários espectáculos teatrais que precedem de perto o nosso; e que não falte o desejo de nos ver — nem depois a consolação de nos ter visto — em Espinho e S. João da Madeira e Famalicão, as nossas estreias deste ano.

# Páscoa

quilo que repugna à natureza humana: lavar os pés dos outros; por eles aceitar e oferecer a vida.

Mas o amor tem infinitos matices; é inesgotável de exigências! Que ninguém se compraza na sua emoção perante o gesto ritual de lavar doze pés previamente limpos, uma vez por ano. Nós temos de gastar os anos a lavar pés sujos, de irmãos com que não contávamos (nem eles conosco), sem esmorecer, sem desanimar, porque só é amor como o d'Ele o que fôr «até ao fim», «ao desgaste final — o morte».

O lavar dos pés é um símbolo do que o amor verdadeiro exige de humildade e de sacrifício àquele que procura a autenticidade do amor.

«Não se molestem — escreveu-nos Pai Américo — e sofram até ao fim a ingratidão dos a quem servem se a houver. É o sal. É a recompensa divina. Por estes dores chega-se mais depressa à contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir».

Por isto, não podendo Pedro entender logo o que o Senhor fazia, recebeu d'Ele a promessa: «hás-de sabê-lo mais tarde». E soube-o. Perfeitamente só o terá sabido na Cruz, depois de ter amado realmente «até ao fim».

Que os pés sujos dos rapazes que nos deparas; que as feridas repelentes dos doentes a quem nos mandas — sejam, Senhor, para nós e para todos os que de mais perto ou mais longe comungam na nossa vida, a preparação para a Tua Passagem, para a nossa Páscoa contigo.



São presenças amigas, algumas bem repetidas, as que trazemos aqui hoje.

A agenda abre todos os meses com quatro notas de vinte do Banco de Portugal «para nossos irmãos doentes». Logo a seguir Portuense qualquer com duas iguais. E humilde portuense costuma ser a terceira presença certa e constante. O avô não falta em nenhum mês a contar os do neto amigo. Vai em 5 anos e 9 meses. Maria Edwiges, de Alcobaça, não abandona o ritmo mensal. D'ente para doentes também não. Antonieta, do Dafundo, marca presença igualmente assídua com 100\$. E, Oswald do Porto, segue-lhe os passos com 50\$. Entregues no Lar do Porto.

Emília, da Trav. da Portuguesa, em Lisboa, vem todos os anos com mil escudos. Emília Couceiro, com outro tanto.

Leonor com 500\$. Senhora do casal de S. António com mil. Outra senhora de Lisboa com outros 500\$. Mãe e filho, da capital, também e em outros 2.000\$. Amiga da capital também com 3.000\$. Senhora da praia com 500\$. Luísa com 690\$. Maria Helena com 500\$. Pecadora que de Deus espera protecção, 100\$. Celeste com outro tanto. A. Dias com 60\$. Mãe de Lisboa 2.000\$. Adriano com sua promessa. Casal amigo com roupa e 100\$. Senhora do Porto, em romagem anual com 500\$. Amigo do Porto, em dia de anos com 50\$. Olinda com 20\$. Religiosos com 1.000\$. P. Inácio com outro tanto. Assinante com 20\$. Nidia com 500\$. Condiscípulo do Dr. Azevedo Lima, com igual soma. Jesuína com 50\$. Maria Amélia com 1.000\$. Mãe, de Ilhavo, com duas libras. Paredense com 300\$. Castro Lima com 5.500\$. O Farrapeiro do Porto com mil. Maria da Luz 500\$. Alguém que se esconde na oferta de 50\$. Senhora do Porto com mais mil, e nove cobertores que são uma categoria na boca dos doentes. Maria com 50\$. Dufina com o dobro. Amigo de Lisboa com 200\$. Maria Alice com 750\$. Senhora de Valongo com rebugados e casal de Rio Tinto com roupas.

Da Nazaré 200\$. De Amaranthe 500\$. De Lisboa M. C. L. com 5.000\$. De Chaves 330\$. Do Porto 500\$. De S. João da Madeira 200\$. Em Amaranthe, o Rotary Club com 5.000\$ e muito interesse em nos escutar. Da Direcção da Eva outros 5.000\$. De Lisboa, amiga com 2.000\$. E no Lar do Porto outra vez 40\$. Maria Luísa, da Póvoa, com cem e com igual soma outra Maria do Porto, da Camisaria Janota. Quanto dali não tem vindo!...

Ena com outros cem. Alguém de S. João com o dobro. Regina de T. Vedras com metade e Isabel com 50\$.

Pobre, que ganha o pão de cada dia, manda um óbulo muito pesado a nossos olhos. Um senhor que se esconde com mil. Outro Senhor, de Caíde, com outros mil. Rosa Adriano com 500\$. Agora o avô vai nos 5 anos e 11 meses do neto que-



rido! Padre Acílio está aqui com 750\$00 que lhe deram para o Calvário.

Porto Ladies Guild e em 2.500\$00 e muita simpatia provada na constância da presença junto dos doentes. Alda com 20\$. Pelo êxito do exame, estudante com 100\$00.

Eulália, da Secil, com 1.420\$. Professor, com 400\$00. Por pouco vinha com o ordenado do mês! Eles ganham tão pouco! Antonieta com mais cem.

Este cartão, que acompanha 500\$, diz «Metade do ordenado do meu primeiro mês de trabalho». Ainda há quem não seja escravo do dinheiro mas o domine e seja livre de dispor dele para mostrar com ele que tem alma grande!

Desconhecido (perde que lhe chame assim, mas o senhor fugiu-nos sempre!) entrega no Lar do Porto em prestações várias a quantia de 10.000\$00 — «para a obra de Redenção e glória: terra de mártires e santos».

E perdoe-nos também o vimos tarde acusar a sua presença. Agora é Angola com 50\$00 de acção de graças. E depois o Brasil com uma lembrança da Germana.

Maria de Lourdes com 300\$ que lhe deram para um presente.

Saber renunciar é saber viver.

Oliveira com 50\$00. Maria José com outro tanto. Mãe de Oeiras com 150\$00. Raúl com 100\$. Outra mãe de sete filhos com 50\$ em todos os meses. Jú-

lia, das Galdas, com outro tanto. De Lourenço Marques uma lembrança do Hotel Girassol. De Nisa 10\$00. De Lisboa 100\$00. De Castelo Branco 30\$00. De Arouca 200\$00. Berta, de Ilhavo, com 100\$00. Maria José de novo com 100\$00. J. Valente com metade. Um rand. Assinante com 100\$00 e outro com 26\$00. Enfermeira do Porto com 250\$00. E outra com uma cordão de ouro! Alvaro de Coimbra com 100\$00. Explicadora com 150\$00, pelos seus alunos.

António Rodrigues com óbulo por sua mãe. De Rebordões 50\$00. De Cantanhede outro tanto. De Lamego 30\$00. De Braga 40\$00.

Uma avó com 100\$00. E uma promessa também com 100\$00. Maria Ramalho com o dobro.

Assinante com 20\$00. Amigo com 150\$00 de Lisboa. Anónima da Rua das Papoilas, do Porto com presença habitual. Mais presenças de 40\$00, de 30\$00, de 20\$00.

Donativos vindos de Alcobaça — eles de Maritte, de Laura, de Lúcia.

Ana Feio com 50\$00. Assinante com 1.000\$00 Mãe de assinante com 100\$00. Sousa Dias com 100\$00. Mãe de Mimososa com outros 100\$00. Mais

assinante e m 160\$00, de sua reforma. Para sufrágio 500\$. (ondeixa com 50\$00. Há quanto tempo aqui não vinha! Amiga de Palhaça com 250\$, por alma de sua mãe! Rosinda com 60\$00. Outra mãe aflita está presente. Nos anos de Pai Américo uma presença de 100\$00. Domingos do Porto com mil escudos. Aumento de ordenado. Admiradora com 500\$00. Maria do Patrocínio com 100\$00. Em sufrágio de José 50\$00. Dador de sangue 120\$00.

Maria com 250\$00. Duas irmãs com 100\$00. Mais presenças: Maria de Lourdes. António Rodrigues, assinante 7668, **Um de Aveiro**, com mil; Prínciplina com 100\$00. A. Pereira com 500\$00. Alguém de Lisboa com 400\$00, com 500\$00 e não sabemos quem seja.

Do Estoril mil discretos. De Rio Tinto 60\$00. Pelo êxito no exame, uma presença. De Oliveira de Frades 200\$00. Da Baixa da Banheira 200\$00. De New York uma lembrança. E é tudo por hoje, se bem que a corrente de interesse, de carinho e amor pelos outros, por estes doentes que se freiam não pare seu caudal, nem parará, que ela é impulsionada por força que vem do Alto e tende a aumentar.

Padre Baptista

Foi a nossa Festa no Teatro Avenida. Antes dela não quis dizer nada. Já não é necessário anunciar. Os interessados procuram-na. Ainda nada estava organizado e já havia um sem número de lugares marcados. Dias antes esgotou-se tudo. Maria Tereza, para o futuro, quer todos os bilhetes na sua Casa do Castelo.

Mais do que a casa totalmente cheia alegrou-nos o ambiente familiar e espiritual. Todos ali respiraram amor. Eu disse ao chefe da Polícia que aquela festa era uma consagração dos Pobres.

**Bem-aventurados os Pobres, porque deles é o Reino dos Céus.** Temos notado, com



muita mágoa, que os grandes (no poder, no possuir, no saber ou na posição) não vão às nossas festas. Vivem nos seus castelos, a servir as suas coisas.

Uma nota sempre de grande ternura é a presença dos nossos

Bispos, os braços abertos dos empresários do Avenida, a colaboração franca do que poderia ser burocracia.

No fim daquela noite sentimos mais que a Obra da Rua é já uma grande família.

x x x

Porque tão humana, mas ao mesmo tempo tão cristã e sobrenatural, não resistimos a dar-vos a saborear esta carta dum irmão: «Peço que aceite os mil que lhe envio com o mesmo Amor de Deus com que aceita todas estas criancinhas.

Também esta nota, bem encaminhada pelas vossas mãos, poderá servir bem a Deus. Não diga a ninguém o que eu lhe transferi ou o que lhe disse. Só ao Senhor, nosso Deus eu peço que conte, para que deste modo e por seu intermédio, eu O louve e O glorifique».

x x x

Um chefe de família que conhece há anos e também co-

nheço a sua doença e os seus quatro filhinhos (a sua cama, mandou-me o seguinte recado: «Agradeço-lhe muito aquilo que deixou. Com bastante custo e sacrifício me levou a escrever esta carta. Trata-se do seguinte: minha mulher já há meses que não trabalha; tem andado bastante doente e vejo-me aflito. Precisávamos de uma caninha pois estamos a dormir numa miséria».

x x x

Já começou a ser escutado o nosso apelo a favor das nossas oficinas de Carpintaria e Serralharia. Têm chegado recados pelo correio e pelo telefone. O combóio também passa à nossa porta e leva as encomendas para onde lhas entregarmos. Os rapazes andam radiantes com os trabalhos que vão chegando. Eu, contente, continuo a ajudá-los. E tu, feliz, ajuda também.

Padre Horácio

Visado pela

Comissão de Censura

## TRINDADES

Vai-se o astro omnipotente  
Morre o dia lentamente.  
Nasce a noite calma e fria.

Num momento, num instante,  
Oíço badalar distante  
Os sinos da freguesia...

São Santíssimas Trindades.  
Que dadas como saudades,  
Saúdam ao fim do dia...

Num instante, num momento,  
Quedando meu pensamento,  
LHES rezo uma Avé-Maria!

Rezando com devoção,  
Repito a mesma Oração  
Com ternura, com fervor...

Pai, Filho, Espírito Santo  
Derramaste todo o pranto  
Por tão grande pecador!...

SANTOS SILVA 7/1/67



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O «Famoso» tem sido pequeno para tanta colaboração e o nosso tempo tão cheio, tão cheio, por via das Festas, que há três números, salvo erro, nada traz sobre a nossa Conferência! E não podemos estar calados. Temos de revelar os gemidos dos Pobres ou a generosidade dos nossos Amigos.

×

### Paço de Sousa

Últimamente tem sido um problema para se arranjar um cronista efectivo, para fazer as vezes do João da Rocha que este, depois de um longo período de colaboração nas colunas do «Famoso», definitivamente de actuar aos seus afazeres e da responsabilidade que tem nas suas costas, que é a nossa tradição anual.

Nós não sabemos verdadeiramente avaliar o nosso valor artístico, mas temos uns sentimentos que nos corações dos senhores, ele se transforma num símbolo de intensa valorização, carinho e simpatia.

**FUTEBOL:** — Frequentemente, têm aparecido compromissos nesta modalidade. É certo que é um desporto de grande atracção, e um bom passatempo para os nossos rapazes, mas realmente nem para todos, por esta razão: uns não têm idade suficiente para sair aos domingos (ora para estes, é o seu meio predilecto de divertirem-se). E para os outros que têm essa regalia de sair ao domingo, já não é, porque estes estão sempre desejosos para fazerem os seus habituais passeios turísticos por estes lados, e, acontece que, havendo futebol nada feito.

Bem, não quero dizer com isto que deixem de cá vir jogar, pelo contrário, temos imenso gosto em recebê-los com a máxima amabilidade.

Já que estamos a falar de futebol surgem-nos necessidades de toda a espécie de equipamento: camisólas, calções, meias, sapatilhas etc.

Caro leitor, ao leres esta crónica, com certeza que de relance te sobressairá na tua visão, esta necessidade.

Mas todavia, se te fosse acessível mandares um pouco de cada um destes artigos, que bom seria! Já não havia tantas preocupações e complicações como tem havido: agora jogas tu com estas sapatilhas, para a próxima jogo eu. Ora são coisas que ao fim e ao cabo não se compreendem, e, se todos tivessem o seu equipamento, não seria melhor? Pois era!

E tu leitor, não serás capaz de tirar-nos desta situação?... Pronto, então contamos contigo!

António Ferreira Leite

Abre a assinante 11.40 com 60\$00. Mais 20\$00 de quem «anda muito preocupada com a vida». Felizes os preocupados! Mais 120\$00 da ou do assinante 19205. E 50\$00 de Espinho, «participação do que a mim mesma me impus, para a suavizar a sorte de dois velinhos». Venham outros, com outro tanto. Entre os nossos Pobres há muitos velinhos! Mais 50\$00, do Poito, pela mão de R. S. L.; é uma «mígalhinha». Estes a precisar de muitas casas! Mais 40\$00 da assinante 17222. E ainda mais 40\$00 de Esmoriz. Mais 20\$00 da Capitão, de Viana do Castelo. Um Homem de Armas ao serviço dos Pobres! Quando assim or em todo o mundo, temos a Paz da Justiça e do Amor. A Paz que transforma as armas em pão — da alma e do espírito, como o Mestre nos indica e, quantas vezes!, esquecemos ou nos fazemos esquecer, o que é pior!, por via da fraqueza do pecado original. Mais 20\$00 de uma Maria de Lisboa. Há tantas Marias-leitoras (a maior percentagem, com certeza!) que seria um maná se todas lembrassem os nossos Pobres. Outra vez a assinante 17740 com 30\$00. Atenção a Nampula: recebemos os 100\$00 que nos tocou, cheirando a calor tropical. Adoramos a presença da nossa África, dos portugueses ultramarinos, nesta secção. Temos uma costela que ferve pela saudade de duas viagens que por lá fizemos. Aquilo foi uma revelação inesquecível! Mais 100\$00 da assinante 17740. Isto é o que se chama dar sem descanso. Abençoado dar!

Júlio Mendes

×

### SETÚBAL

**OBRAS** — Já se começou a fazer a instalação eléctrica nas oficinas. Esperamos dentro de um mês poder pôr a funcionar a Tipografia e a Carpintaria. A Serpentina também será breve.

E o nosso Lar está subindo consideravelmente. Estamos a finalizar a segunda placa. Mas ainda leva a terceira. E sendo assim, precisamos da tua ajuda para continuarmos em frente.

**FESTAS** — Principiou a azáfama cá em casa. Os ensaios começaram com a Sra. Professora e o Rouxinol à frente, visto o Crisanto não poder dar a sua colaboração porque está mobilizado.

Este ano vamos ter uma revista cheia de categoria e por isso contamos com a presença de todos os Setubalenses. Os bilhetes já estão à venda nos locais do costume. Portanto não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

**FUTEBOL** — O nosso grupo desportivo não se encontra na melhor forma, mas mesmo assim não deixa de arrecadar vitórias. A primeira deste ano foi em Palmela frente ao grupo local. A segunda foi contra um grupo das redondezas, que vencemos no seu campo por 4-3. Mas esta vitória foi mais saborosa, pois trouxemos uma taça. O nosso campo andou em obras e agora está uma coisa onde se pode jogar futebol. Levou umas balizas novas com postes de cimento e traves de madeira. Também levou uma camada de terra porque as últimas chuvas tinham feito alguns estragos no piso. E agora quem nos quiser defrontar pode vir porque nós cá os esperamos.

Laurindo Ferreira Lopes



A equipa de futebol da nossa Casa de Benguela.

## FESTAS

### EM MARÇO

**Teatro Jordão — Guimarães**  
dia 31 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro.

### EM ABRIL

**Teatro Luisa Tody — Setúbal**  
dia 5 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody, 38 Telef. 24620, e nas bilheteiras do Cine Teatro.

### Monumental, de Lisboa

dia 6 — às 18.30 h.

Bilhetes à venda na Secretaria do Montepio Geral e Ourivesaria 13, R. da Palma, 13.

### Coliseu do Porto

dia 9 — às 18.30 h.

Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54; todos os dias: bilheteiras do Coliseu do Porto.

### Teatro Circo — Braga

dia 13 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro Circo.

### Teatro S. Pedro — Espinho

dia 17 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Teatro.

### Cine Teatro Imperador — S. João da Madeira

dia 18 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.

### Cine Teatro Famalicense — Famalicão

dia 19 — às 21.30 h.

Bilhetes à venda no Cine Teatro.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.  
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE